



“Eu não morro”.
Eis o grande desaforo. Eis a grande
esperança. A nossa principal rebeldia.

“Eu caibo nesse universo / a minha voz
ecoou / no seu rádio de pilha / e os tubarões
agora / moram em mim.”

Vai encarar?

Esse novo livro do poeta Esteban Rodrigues
é como acordar um vulcão adormecido.

Seguir além. Depois do quinto ou sexto
poema. Saber que tudo vale a pena. Quando a
alma da pessoa não é pequena. Depois de
submersa, voa.

É preciso confiar.

A palavra sempre esteve lá. No centro.
Agora, felizmente, é hora de todo verso escrito
(por dentro) se libertar.

Mãos aladas.

Agora é pisar no chão para flutuar.

MARCELINO FREIRE



Realização:

paraLeLo13S



Hilário Zeferino

Apoio Financeiro:



esteban rodrigues

com mãos atadas e como quem pisa em ovos

paraLeLo13S

com mãos atadas e como quem pisa em ovos

esteban
rodrigues

VERSOS
LIVRES

A palavra está onde você se esconde.

Daí a grandeza da palavra que chega
agora, a nós, a olhos nus. E não tem as mãos
atadas e nem pisa em ovos.

O título deste livro é, na verdade, uma
advertência. Para o próprio poeta. Em sua
trajetória de fala. Voz que, antes calada,
explode em resistência.

E existência.

Ele mesmo ouve. Move-se. Comove-se.
Aceita e enfrenta a batalha.

A gente acompanha a cada pá pá pá
página o disparo do tiro.

São os artificios do fogo.

A chama do que se é vem aquecendo aos
poucos. Livro-propagação.

Faísca e descoberta.

Acompanhamos do poeta o silêncio que
se transforma em grito. Estilhaça o vidro.

Põe abaixo um aquário cheio de tubarões.
A vida é esse mergulho. Esse enfrentamento.
Eleva-se o pensamento.

coleção
anêmona

paraLeLo13S

**Com mãos
atadas
e como quem
pisa em ovos**

Fundação Pedro Caldeira
DLL LAB

© 2021 Esteban Rodrigues

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial Milena Britto e Sarah Rebecca Kersley

Desenho de capa Maíra Martines

Projeto gráfico Julia Mota

1ª Edição - março/2021

R696c

Rodrigues, Esteban

Com mãos atadas e como quem pisa em ovos / Esteban Rodrigues.

1ª Ed. - Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café / paraLeLo13S, 2021.

60 p.

ISBN 978-65-89649-04-5

1. Poesia brasileira.

I. Título.

CDD - 869.1

Boto-cor-de-rosa livros, arte & café / paraLeLo13S

livrariabotocorderosa@gmail.com

www.livrariabotocorderosa.com

Com mãos atadas e como quem pisa em ovos

esteban rodrigues

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café

2021

Com mãos atadas e como quem pisa em ovos

esteban rodrigues

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café /

paraLeLo13S

2021

*Comprei um café para ela, caiu uma abelha
dentro e eu comecei a chorar como se
fosse o fim do mundo*

Fundação Pedro Calmon
DLL LAB

Sumário

eu tento evitar	12
quando atendi aquela ligação	14
eu faço planos sabendo	16
eu sonhei com bolas de gude	18
é um absurdo	20
eu gritava o nome dela	22
eu já estive submerso	24
o sotaque carioca	25
canhões	27
às vezes	29
parei o livro no quinto ou sexto poema	30
há uma linha reta	32
sou eu e as três outras versões de mim	34
me gritaram hipócrita	35
entre o caos e o caos: lacuna	37
eu ainda não ouvi a minha voz hoje	38
[dura] re-vivência do que grita kika sena	41
de longe	46
três lágrimas caíram no centro de um vulcão adormecido	49

para ela
foco narrativo 52

Posfácio - Hilário Zeferino 54

Sobre o autor 57

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

eu tento evitar

pensar, falar sobre, pensar
eu tenho que parar
com essa ideia
de querer estar
sempre
presente

quando para mim
sobra o às vezes
quando dá
se eu puder

tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic
tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac

tem uma bomba relógio
em contagem regressiva
há um ano e mais algum tempo
em mim

e todo dia eu sinto que vou explodir

esse estado exausto
tem me perseguido e frequentado
esse eu calado
tem gritado

repito
que não escrevo sobre nada
além de mim mesmo
já foram três poemas rasgados
para chegar até aqui

eu estou sozinho e não tenho uma cerveja

tic tac tic tac
tic tac tic tac

tem um choro de criança
na minha janela
e dentro de mim

talvez eu exploda hoje
e não precise lidar

quando atendi aquela ligação

e o sotaque carioca entrou gritando
eu respirei e reparei:
estava cansado

deixei ela falar

o governo, o dinheiro, a saúde
a espera, o cansaço, o descaso
necessidade, tempo, dinheiro de novo
e de novo governo

- o grito na criança que tinha deixado a pia aberta

a água está cara!

- o grito em mim, calado, no outro lado da linha

resolva o meu problema!

me deixe em paz, eu pensei
mas resolvi

ela parou de gritar
e eu quase me senti um deus
mas estava cansado demais

dei boa noite
esperei ela responder

silêncio

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

eu faço planos sabendo

que não vou realizá-los
porque não tenho tempo
ou dinheiro
ou estou cansado

pensava isso da janela do ônibus
planejando mudar

claro

e, do lado de fora,
a agonia da rotina tirava os velhos de casa
levava as crianças na escola
formava filas nos mercados
travava o trânsito

todos também carregando seus planos
nas sacolas, bancos do carro,
bolsos, costas

a gente tenta arranjar um tempo
para fazer coisas antes que o nosso tempo
acabe

eu faço planos
que talvez eu realize
talvez
eu tenha tempo
e dinheiro
e arranje tempo antes para descansar

como agora
encarando esse pit bull
cheirando as flores

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

eu sonhei com bolas de gude

fervendo
não vou saber explicar
mas as pessoas pareciam se divertir
menos eu

lembro que eu queria comer
sem ser atingido por elas

era um grande evento
com comidas e bolas de gude fervendo
e eu não estava nem aí

7h, segunda feira

o refrigerante estava sem gás
ela dormiu sem mais nem menos
coutinho artilheiro da seleção na copa

o bolo de aipim tem mais gosto de baunilha
eu tenho um lançamento em breve
e uma cadeia de quase segredos

7h13, segunda feira

o celular notificou, pisei no cabo no computador
ouvi o desespero do vento
tentando invadir a minha janela fechada

e vez ou outra passava a mão
no lugar que a gude
havia me atingido

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

é um absurdo

como de súbito
vem a sensação
de que não consigo:

*fazer feijão, ler um livro em um dia, manter a faculdade
acertar o número 6 nos dados, ouvir rock, ligar para meu pai*

a ideia de sempre haver
um depois
pra isso tudo
e outras coisas que prefiro não dizer
me conforta

cumprir prazos
bater ponto
marcar horários, dias, meses, anos
lembrar o exato dia que termina a primavera

é exaustivo

por isso, quarta feira:

o mais desgraçado dos dias
me deixa levantar às 6h
para escrever um poema
e voltar a dormir

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

eu gritava o nome dela

a havia perdido entre os desesperados

no meio do fim
do mundo

andava rápido, mas não como os outros
eles queriam que o criador
se arrependesse do dilúvio
e os salvasse

*seus olhos perdidos
suplicavam socorro*

e eu não a encontrava

ela é forte e independente
e eu a procurava
antes que o mundo acabasse de vez
eu queria dizer:

*“me deixe estar aqui com você”
“se deixe precisar de mim!”*

mas seu amor não era assim
bem como a solidão não lhe era cruel
e as coisas boas e não boas continuavam a acontecer
sem que pudéssemos fazer parte
como um deus onipresente ou sei lá

ela estava a salvo, pensei
eu a encontraria de alguma forma
(ou ela me encontraria)
(ou a gente se encontraria)
antes do fim do fim do mundo

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

eu já estive submerso

me perco em
espaços que não são meus
como aquele dia
em que choveu um céu inteiro
e eu me escondi
mesmo já molhado

não que fosse a primeira vez
eu só ainda não sabia o que fazer
ainda não sei
espero que não chova

o sotaque carioca

era a segunda coisa
que mais me dava raiva
de alguma forma

a primeira era ver o prefixo
e saber que ele viria

sexta feira
nada de salário
cento e vinte e uma ligações
coluna, rinite, cabeça

às vezes a gente se perde
entre todos esses pensamentos
que consomem a gente
por tantos dias

invejei um ou dois caras
no caminho até em casa
nem olhei meu reflexo

de novo a coluna
e a cabeça

e a rotina e a fadiga
e a loucura
da rotina
e da fadiga

“cadastre a reclamação”
gritava do outro lado
a velha do sotaque
que eu nem ouvia mais

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

canhões

preto, vermelho, amarelo, violeta
ela dançando e descendo do céu
é tudo o que lembro

canhões e ela
gritando, caindo

a vida de um homem
sem muitas conquistas
beira a mesmice e novos vícios

e ainda assim
tem horas que desanda
e fere
e grita

como uma lança que atinge de raspão
e a agonia do ferimento
lateja

e me desarma
num canto direito do fundo do quarto

nessas horas
eu fecho os olhos
relembro
da dança no céu
e respiro

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

às vezes

você desarma a ansiedade

às vezes

a ansiedade te desarma

e te deixa chorando

no chão do quarto de entulhos

por ser quem você é

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

parei o livro no quinto ou sexto poema

parei a faculdade
parei de dar ouvidos
parei

e ao silêncio
me rendi
com mãos atadas
e como quem pisa em ovos

meios dias cheios
e vazias madrugadas
no calendário

eu encaro a vida da janela
do quarto do ônibus do quadrado que trabalho
nunca foi sobre paz

e ao silêncio
me rendi

vomitei metáforas
engoli inseguranças
tremi silêncios, devorei teorias
inundado de vinho barato
escovei as lágrimas
e esqueci os dentes

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

há uma linha reta

bem debaixo da lua
e a luz do poste na esquina
deixa a casa alaranjada

como o céu
naquele dia em que te vi
naquele dia em que te vi
naquele dia em que te vi

23:59, 20 de setembro de 2018. ontem.
eu me perguntei
quem eu havia me tornado
e tudo foi silêncio
tudo foi perdido
tudo que eu pedi

tem tantas estrelas caindo
em minha direção
que já não faço mais desejos

tem tantas histórias ruindo

ao meu redor
que já não escrevo

fechei os olhos
para o caos
de dentro
e o de fora não me assusta

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

sou eu e as três outras versões de mim

ocupando o silêncio que transita
entre a boca e o peito

a verdade é que
eu, que tenho medo do escuro
no fundo
sei que nunca mereci a luz

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

me gritaram hipócrita

na porta do armário
me gritaram
hipócrita
e outros me olharam

meu eu hipócrita
carregava uma mochila
cheia
de direitos arrancados
e exposição gratuita

meu eu hipócrita
obrigado a usar
o banheiro errado
o pronome errado
porque certos são os Outros

meu
eu
hipócrita
foi gritado

exposto

de novo

por usar camiseta
e não o padrão de quem sou
no lugar que insistem
em me tratar
pelo que nunca fui

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

entre o caos e o caos: lacuna

olhei de longe esse domingo
que ninguém entendeu nada
e terminou em
cerveja

toda voz que ecoa
parece a sua

os gatos circundavam a caixa de pizza
enquanto as experiências e esperanças
iam embora
em silêncio

toda voz que ecoa parece a sua

Andrew aos gritos de um canto da sala
os copos já secos
a tentativa de um banco improvisado

eu ainda escutava sua voz
e, às vezes, lembrava que você havia partido

eu ainda não ouvi a minha voz hoje

a minha própria voz
pensei em ligar para ela
mas
às vezes
é necessário lembrar de aceitar o fim

decidi me conter

minha coluna não doía mais
meu peito, quieto
apesar da vida tentando
me empurrar para baixo

encarei os prédios
para não virar pro espelho
meu tênis sujo
fala mais sobre mim
do que as fotos

todas as caras invisíveis
que me encaravam

não me diziam nada

rostos vazios
afundados cada vez mais

em suas rotinas corridas
enquanto eu, calado,
deixava fluir
o peso do mundo
esse
que, segundo contam,
desandou por uma mulher
que mordeu uma maçã

...
...
...

tem um casal que ri e fuma
no meu alcance
tem uma mulher que chora baixo
e uma mão puxando rápido a sua cria

rostos que eu nunca vi

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

vozes que eu nunca ouvi
corações que eu
desconheço

e
enquanto isso
o sol sumia entre os prédios

e, quando a noite cair
eu espero ainda não ter
escutado a minha voz

hoje há de ser
um dia
de paz

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

[dura] re-vivência do que grita kika sena

*“tacaram pedra na minha cabeça
tacaram pedra na minha cara
tacaram pedra na minha boca
tacaram pedra no meu sorriso
[...]
tacaram fogo no meu cabelo
tacaram fogo na minha pele
tacaram fogo nos meus olhos
tacaram fogo na minha respiração
tacaram fogo na minha voz
logo, não puderam me deter”*

esse mesmo peito que suporta os amores que se foram
e os que estão por vir
quando eu chorei por não ser eu, meus olhos embaçaram
esses mesmos olhos que procuram paz em todas as velas
esquinas, botecos
quando eu não consegui gritar no dia em que caí, minha garganta
deu um nó

um nó
um
nó
e minha língua se tornou só um órgão
eu não tinha mais nacionalidade

casa, cama, canto

eu fui apedrejado
nos olhos, na boca, nos braços, na carne
eu fui queimado
no dorso, no osso, rente ao que pulsa como uma mão cheia de
sangue
eu fui calado, açoitado, diminuído

eu fui humilhado

me puseram num tanque
com tubarões há dias sem comer nada
me puseram num tanque
com tubarões há dias sem comer
me puseram num tanque
com tubarões
me puseram num tanque
e trancaram por fora

e, com o pouco do ar
eu gritei
eu gritei
eu gritei
eu gritei
eu gritei
até que o vidro estilhaçou

logo, não puderam me deter

invadi seu terreno hostil com minha pele que reluz
e ecoei o canto dos desvairados
em cada porta eu gritei
que eu vivo
eu vivo
eu estou vivo
eu não morro com a pedra
eu não morro com o fogo
eu não morro com a água
eu não morro
porque mais de mim existe
e todos aprendemos a gritar
a fortalecer o corpo para resistir a você
já que você não resiste
você

não
resiste
a nos massacrar

minha saliva escorreu pela sua televisão
meu corpo foi pintado em 3D na avenida
meus olhos te encaram e é você quem desvia
porque você teme

quem eu sou

quando eu desvio do que você conhece
você teme
quando eu reconheço que também sou
você teme
quando eu grito que esse peito suas facas não cortam
você atravessa a rua
e finge
só finge
que não existo
que não existimos
que não tomamos sua rua
seu bairro

sua cidade
seu país
seu mundo
e fizemos dele nosso também

porque eu caibo nesse universo
a minha voz ecoa
no seu rádio de pilha
e os tubarões agora
moram em mim

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

de longe

admiro e acompanho minha árvore bonita
e sinto que folhas têm caído
e sinto que flores têm nascido
e te lembro que as sombras não deixarão de existir
mas
às vezes
é preciso não esquecer
da sensação do queimar do sol
na pele
que arde lenta e silenciosamente

de longe
numa dessas quatro paredes
há uma mensagem proposital
de amor meu
estampado em azul
que transpassou estados
e te lembro que as mensagens não deixarão de existir
mas
é preciso lembrar
das brechas de si

já que não há
uma linearidade
nas relações
quando nos esquecemos de nós mesmos

é tempo
de derramamento
mas
ainda que

de longe
a memória do colo
é a mais bonita lembrança
já que nunca houve desconforto no silêncio
e sempre a tineta fácil do olhar
mas
é preciso lembrar
que a miopia tem níveis
e ser invisível não é não ser visto
é não se ver

ainda que
de longe
há um espaço reservado
no centro do centro do centro

do meu peito
com o mais puro sentimento
e
desde já
saúde do futuro
reencontro

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

três lágrimas caíram no centro de um vulcão adormecido

quando pensei em quem eu era
o espelho reflete traços sem cor, sem nome
sem forma
meu grito é surdo, meu peito é oco

tem sido um inferno, bukowski sabia

eu tentei acompanhar o tempo e não ficar para trás
eu clamei que o tempo parasse para me esperar
eu não sabia meu nome, meu caminho, o gosto da minha saliva

parte do que me parte
é culpa minha
o autoamor foi substituído pela autocrítica
eu devia sentir mais, comer direito, parar de julgar
encarar o que sou
mas...

mas...

prefiro calar, sozinho, e repetir / repetir / repetir / repetir /
que vai dar tudo certo

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

para ela

Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

foco narrativo

foco narrativo

foco narrativo

foco narrativo

penso em você

narrador e percepção de narrativa

narrador e foco de narração

narrador que não faz a arte de objeto a ser narrado

penso em você

como seria se vissem você através dos meus olhos? sentiriam

o gosto cheiro toque arrepio disritmia do amor? veriam a cor

forma nuance performance movimento do amor?

veriam você? sem imagem expectativa ilusão instagram

você

e tudo que chora brinca sofre dança sente dói ama cai explode
goza sorri

de que ângulo então narra o narrador?

eu narrador assumo diferentes posições pra perceber uma
obra: você. lembro de tudo que vejo quando te vejo: são tantas
tantas tantas tantas coisas sabores sensações aquarelas
felicidades

tanta paz

assumo o papel de narrador, você se torna meu foco específico.
assumo o papel de narrador, e você obra completa e suficiente.
assumo o papel do narrador: te vejo e te mostro.

Posfácio
Hilário Zeferino

O que dizem as boas línguas

Foi em uma quarta-feira quando, à queima-roupa, Esteban me disse “Queria que você escrevesse a apresentação do meu próximo livro” e eu, que já tinha lido seus poemas antes, quase não creio. Como responder, ou melhor, como corresponder tamanha responsabilidade? Eu que escrevo um pouquinho também e sei que é muita coisa pedir que alguém me leia e me apresente, sei do movimento de corpo que Esteban empreendeu naquele momento. Fiquei de mãos atadas. E, como quem pisa em ovos, perguntei se minhas dimensões conseguiam vocalizar algo das dimensões dele. Ele disse que não. Mas que não era sobre isso também. Era sobre o que chegou no endereço do meu coração partindo dos seus poemas cujos versos curtos propagam um som cinza de cansaços. Versos curtos como quem respira de pouquinho em pouquinho pra não quebrar os pulmões delicados de cigarro ou, talvez, como quem não quer ser percebido enquanto come pizza e chora o pôr-do-sol. Versos que compõem estrofes sobre como tudo faz parte da gente e, às vezes, a gente nem se dá conta. Às vezes a gente nem se dá conta do quanto um copo de café numa tarde de telefonemas

espinhentos é importante pra a gente não quebrar. Na quarta-feira que eu falei antes, quando Esteban me atirou palavras, eu comecei a esculpir essas palavras no caos de dentro que fica logo atrás dos meus olhos, que olharam para ele do fundo do meu rosto no alto da minha cabeça, que está sempre nas nuvens. Pra escrever o que ele me pediu, tentei cartografar a nossa diferença de altura e do tamanho de nossos pés pra entender que ar a gente respira e quanto a gente anda em 2 horas. Pra ler Esteban é necessário se deixar levar e se deixar ficar pelas redes, não só as sociais, pelos lanches, pelas sensibilidades, pela mente atravessada que atravessa a rua olhando pro chão com todo o céu sobre a nuca. Pra ler Esteban, é importante compreender as minúcias dos cotidianos e de como a gente ainda é todas as pessoas com quem as pessoas que namoramos namoraram, mesmo não sendo mais. Ou como somos também fragmentos que gritam “Eu te amo!” trancados no quarto com o telefone que espera uma mensagem. E - é preciso não perder isto de vista - como podemos ler Esteban e ver outras coisas. São muitas coisas. São muitas pessoas-Esteban. Na quarta-feira eu conheci uma que eu não tinha visto ainda e cada poema guarda mais um pedacinho. Mais um nó. Mais uma dor. Mais uma dobra de um corpo que dobra as letras. Nessa dobra faz mil outras dobras; mil outras letras. Como um grito de estilhaçar vidros. Pra ler Esteban é preciso estar aberto e no lugar certo quando for quarta-feira.

Sobre o autor
Esteban por Esteban:

Nascido no subúrbio ferroviário de Salvador, Esteban Rodrigues era personagem que ganhou(ei) vida. Há 14 anos me reconheço poeta, há 24 me transformo poesia. Professor, porque nem só de estrofes viverá o homem. Pesquisador, porque toda prática se torna teoria. Homem trans, homem negro e quase um lutador de UFC contra o sistema que insiste em tentar me derrubar todos os dias.

...

Do mesmo autor:

sal a gosto. padê editorial: 2018.

A publicação deste livro faz parte do projeto Bahia na Poesia (Boto-cor-de-rosa, livros, arte e café/Selo editorial Paralelo13S). O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Fundação Pedro Calmon/
DLL LAB

fonte Baskerville MT Std
papel Pólen Soft 80g/m2
mês & ano Março de 2021